

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## A tragédia perdida de Giges

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes  
IFTM

---

**RESUMO:** Giges é uma personagem conhecida das *Histórias* de Heródoto. Após matar o soberano da Lídia, ele teria assumido o poder e se tornado o primeiro tirano a governar. Apesar da sua narrativa ser bastante conhecida, poucos estudos apontam para qual seria a fonte real de Heródoto na construção de sua narrativa. Em 1949, foi encontrada parte de uma tragédia grega escrita em um papiro no final do séc. II ou começo do séc. III d.C. O papiro foi descoberto em Oxirrincó, no Egito, e publicado por Edgar Lobel. A descoberta do papiro demonstra a existência de uma tragédia feita sobre Giges, o que desencadeará uma série de questões. Seria a narrativa de Heródoto uma releitura de alguma tragédia de sua época? Para tentarmos responder a essa pergunta, faremos uma análise do fragmento da tragédia em questão junto com a poesia lírica que traz nos seus versos ditos sobre Giges da Lídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Giges; Tragédia; Poesia Lírica; Heródoto

**ABSTRACT:** Gyges is a character known from the *Histories* of Herodotus. After having killed the ruler of Lydia, he would have taken the power and become the first tyrant to rule. Although his narrative is widely known, few studies address to which would be the real source of Herodotus' work in the construction of his narrative. In 1949, the fragment of a tragedy was found written on a papyrus dated between the late second and early third century AD. The papyrus was discovered in Oxyrhynchus, in Egypt, and published by Edgar Lobel. The discovery of the papyrus indicates the existence of a tragedy based on Gyges, which will trigger a series of questions about his narrative. Would Herodotus' narrative be a rereading of some contemporary tragedy of the fifth century BC? To answer this question our paper aims at analyzing the referred fragment along with the lyric poetry which brings in its verses' body sayings about Gyges of Lydia.

**KEYWORDS:** Gyges; Tragedy; Lyric Poetry; Herodotus

---

### I. Introdução

Em 1949, foi encontrada parte de uma tragédia grega escrita em um papiro no final do séc. II ou começo do séc. III d.C. O papiro foi descoberto em Oxirrincó, no

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

Egito, e publicado por Edgar Lobel<sup>1</sup>. A descoberta do papiro demonstra a existência de uma tragédia feita sobre Gíges, o que desencadeará uma série de estudos sobre o drama em questão<sup>2</sup>. A importância do achado é inegável. No entanto, há uma grande discussão em torno da datação da tragédia. Para isso, trazemos a obra de Heródoto para o centro da discussão, pois se a tragédia for anterior à obra de Heródoto, há forte possibilidade de a narrativa de Gíges que ele conta no Livro I de suas *Histórias* ser baseada na tragédia em questão. Do contrário, a narrativa de Heródoto seria a fonte principal da tragédia encontrada. O objetivo de nosso artigo consiste em (i) verificar o que dizem os principais estudos produzidos até então sobre o fragmento trágico encontrado; (ii) demonstrar a relevância da lírica arcaica para o desenvolvimento de uma narrativa sobre Gíges; e (iii) dar a nossa proposta para o problema de datação do fragmento trágico encontrado em Oxirrínco.

## II. O Fragmento Trágico

O papiro encontrado preserva partes de três colunas; sua segunda coluna, a que está mais bem conservada, contém 16 linhas do discurso da rainha de Candaules. Para que possamos fazer uma melhor análise colocamos abaixo a edição do fragmento desta coluna feita por Page<sup>3</sup>:

---

<sup>1</sup> LOBEL, E. A Greek Historical Drama. *Proceedings of the British Academy*, v. 35, p. 207-217, 1949. O fragmento foi republicado por Lobel em 1956 em *The Oxyrhynchus Papyri, Part XXIII*, ganhando o número 2382 (P. Oxy. 2382).

<sup>2</sup> Alguns estudos relevantes sobre o P. Oxy. 2382 são: MAAS, P. A. Greek Historical Drama by E. Lobel. *Gnomon*, v. 22, n. 3/4, p. 142-143, 1950; PAGE, D. L. On the New Greek Historical Drama. *Classical Quarterly*, v. 44, n. 3/4, p. 125, 1950; PAGE, D. L. *A New Chapter in the History of Greek Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1951; KAMERBEEK, J. C. De novo fragmento tragico in quo de Gyge et Candaule agitur. *Mnemosyne*, v. 5, n. 2, p. 108-115, 1952; LESKY, A. Das Hellenistische Gyges-Drama. *Hermes*, v. 81, n. 1, p. 1-10, 1953; RAUBITSCHKE, A. E. Gyges in Herodotus. *The Classical Weekly*, v. 48, n. 4, p. 48-50, 1955; DAVISON, J. A. Προάγγελος and the “Gyges” Fragment. *The Classical Review*, v. 5, n. 2, p. 129-132, 1955; DAVISON, J. A. The Oxyrhynchus Papyri, Part XXIII by E. Lobel. *Journal of Hellenic Studies*, v. 77, Part 2, p. 345-346, 1957; HUXLEY, G. Ion of Chios. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 6, n. 1, p. 29-46, 1965; ZAWADZKA, I. The Play on Gyges by Unknown Autor. *Eos*, v. 56, n. 1, p. 73-82, 1966, reimpresso. In: *Eos*, fasciculus extra ordinem editus electronicus, p. 300-309, 2013 (citações seguem a última paginação); SNELL, B. Gyges und Kroisos als Tragödien-Figuren. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, v. 12, p. 197-205, 1973; EVANS, J. A. S. Candaules, whom the Greeks name Myrsilus. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 26, n. 3, p. 229-233, 1985; TRAVIS, R. The Spectation of Gyges in P. Oxy. 2382 and Herodotus Book 1. *Classical Antiquity*, v. 19, n. 2, p. 330-359, 2000.

<sup>3</sup> PAGE, 1951, p. 2-3. Para outras sugestões de edição do fragmento, ver: RAUBITSCHKE, 1955, nota 3, p. 48-49.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

col. ii

Γύ[γην σαφῶ]ς ε(ι)σεῖδον, [ο]ὐκ εικάσματι,  
ἔδε[ισα] μὴ φόνου τις ἔνδον ἦ<ι> λόχ[ο]ς,  
ὀπ[οῖα] τὰπίχειρα ταῖς τυρανσίσιν·  
ἐπει]ὶ δ' ἔτ' ἐγρήσσοντα Κανδαύλην ὄρῶ,  
τὸ δρασθὲν ἔγνω κα[ι] τίς ὁ δράσας ἀνὴρ·  
ὡς δ' ἄξυνήμων καρδί[ας] κυκωμένης  
καθεῖρξα σῖ[γ' ἄ]πυσ[τον] αἰσχύν[ης] βοήν·  
ἐν δεμνίῳ [δὲ φρον]τίσιν στρωφωμένη<ι>  
νῦξ ἦν ἀτέρ[μων ἐξ] ἀπνίας ἐμοί·  
ἐπεὶ δ' ἀνήλ[θε παμ]φαῆς Ἐωσφόρος,  
τῆς πρωτοφειγ[γοῦς ἡ]μέρας πρ[ο]άγγελος,  
τὸν μὲν λέχους ἦγειρ[α] κάξεπεμψάμην  
λαοῖς θεμιστεύσοντα· μῦθος ἦν ἐμοί  
πειθοῦς ἐτοῖμο[ς οὔ]το[ς], ὅστ[ις οὐ]κ ἔᾶ<ι>  
εὔδειν ἀνακτα πάν[νυχ', ὧ]ι λαῶν μέλει.  
Γύγην δέ μοι κλυτῆρε[ς]...

Quando eu vi claramente, não por adivinhar, que era Gíges,  
eu fiquei com medo de um complô de assassinato no palácio;  
pois estas são as recompensas das tiranias.  
Mas quando eu vi que Candaules continuava acordado,  
eu soube o que tinha sido feito e que homem fez isto.  
Ainda como ignorante, apesar da turbulência em meu coração,  
eu reprimi em silêncio meu choro de desonra, para não ser ouvida.  
Minha noite acabou para querer dormir,  
em minha cama eu virei de um lado para o outro em um pensamento  
ansioso.  
E quando a estrela brilhante que vem com a aurora surgiu,  
o mensageiro do primeiro raiar do dia,  
eu levantei Candaules da cama e enviei-o adiante  
para entregar a lei para seu povo: um mito persuasivo estava  
pronto em meus lábios, o que proíbe  
um rei, o guardião de seu povo, dormir toda noite adentro.  
E convoquei (tinha que chamar) Gíges em minha presença...<sup>4</sup>

O fragmento da tragédia encontrada retrata a história de Gíges-Candaules do ponto de vista da rainha. A descoberta denota a repercussão da narrativa sobre os feitos de Gíges entre os antigos, além da época em que viveram os poetas líricos. Desde a sua descoberta, há um esforço entre os comentadores para se dizer qual seria a datação do fragmento e o seu autor. Para Page, a narrativa de Heródoto é uma versão em prosa de uma tragédia ática (PAGE, 1951, p. 12). Ele irá enquadrá-la na primeira metade do séc. V a.C. e atribuí-la a algum contemporâneo de Ésquilo (PAGE, 1951, p. 24-25). Segundo ele, o fragmento encontrado faria parte de uma trilogia que terminaria com a derrocada

<sup>4</sup> Nossa tradução é baseada na de Page (1951).

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

de Crespo, como demonstram as *Histórias* de Heródoto (PAGE, 1951, p. 27)<sup>5</sup>. Haveria uma forte popularidade de peças com representações bárbaras nos princípios da tragédia ática e Frínico teria tais elementos em suas tragédias, sendo o autor mais provável (PAGE, 1951, p. 28-29). Por fim, Page afirma que nenhuma tragédia do período helenístico é comparável com o fragmento em questão (PAGE, 1951, p. 36).

Raubitschek e Huxley tendem a concordar com a datação estabelecida por Page, apesar de verem evidências textuais que enquadrariam melhor o fragmento como uma tragédia jônica, ao invés de ática, tendo como autor mais provável Ion de Quios. Isso torna o problema apenas de autoria, mas mantém a tragédia como sendo anterior ao período clássico, o que poderia ter influenciado Heródoto em sua escrita. Como afirmou Smith anteriormente a descoberta do fragmento:

quando Heródoto pegou este conto fora de sua atmosfera irresponsável do Reino das Fadas, ele desenvolveu isto nas linhas de uma *tragédia*. De fato, este é realmente um paralelo em prosa com dramas como *Agamemnon* ou *Édipo Tirano*. [...] Em outras palavras, se Heródoto escolheu remodelar e racionalizar a narrativa nas linhas de uma Tragédia, seria porque ele acreditava que uma tradição antiga retratando os personagens como inocentes realmente refletia a verdade (SMITH, 1920, p. 35-36).

Pela citação de Smith, podemos ver o mesmo encadeamento de ideias que toma a escrita de Heródoto da narrativa de Gíges como sendo retirada de uma tragédia do século V a. C. Sua suspeita poderia ser reforçada pela descoberta do fragmento trágico aqui trabalhado.

Em defesa de uma leitura trágica do *lógos* de Gíges-Crespo em Heródoto, Travis irá utilizar-se da metáfora da *visão* para comparar o fragmento trágico com o Livro I das *Histórias*. Sua intenção não é dizer se o fragmento é ou não é anterior a Heródoto, mas observar os pontos de semelhança entre o Livro I das *Histórias* e a tragédia encontrada. Segundo entende, a expectativa é o que move toda a narrativa de Gíges, do começo ao fim, e aquele que controla a expectativa também controla a cidade. A rainha, ao ocultar Gíges no quarto para cometer o assassinato do rei, fez com que ele se tornasse o primeiro tirano (TRAVIS, 2000, p. 333). Do ponto de vista da tragédia, o fato de a rainha ver Gíges e também ver Candaules acordado a faz perceber a trama em que estava envolvida (TRAVIS, 2000, p. 345-346). O espectador da tragédia, ao ver Gíges oculto,

---

<sup>5</sup> Snell (1973), vê como plausível a hipótese de Page.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

já sabe para onde a trama irá se desenrolar. Da mesma forma, Platão, ao criar um anel da invisibilidade<sup>6</sup>, também joga com a visão (TRAVIS, 2000, p. 352-353), pois o fato de permitir a Gíges se tornar invisível com um elemento mágico faz com que o tirano se torne natural aos olhos da maioria, algo que está guardado no interior da natureza humana. O anel, paradoxalmente, ao dar invisibilidade a Gíges faz, ao mesmo tempo, aparecer o tirano.

No caminho contrário, Kamerbeek, Lesky, Davison, Zawadzka e Evans defendem a improbabilidade de tomarmos a tragédia como anterior a Heródoto e colocam-na mais próxima do período helenístico. Segundo Zawadzka, as tragédias helenísticas seriam bastante lidas entre os séculos II e III d.C. (ZAWADZKA, 1966, p. 308), mesmo período do P. Oxy. 2382, o que nos dá um forte indício para tomarmos o fragmento como sendo deste período.

Para Davison a estrutura do fragmento apresenta algumas passagens que assegurariam a datação no período helenístico. O uso da palavra *προάγγελος* é mais apropriada em um período tardio do que anterior (DAVISON, 1955, p. 131). Evans sublinha o fato de que “nós devemos resistir à tentação de fazer o *lógos* do Cresos de Heródoto dependente de um drama original” (EVANS, 1985, p. 233). Isso indicaria que a análise do fragmento deveria ser feita sem o pressuposto de ter que adequá-lo a narrativa de Heródoto.

Apesar de os comentadores não terem encontrado uma datação certa para o fragmento da tragédia publicada por Lobel, é difícil não ver certas semelhanças na construção da narrativa de Heródoto com uma tragédia. Tendo isso em vista, queremos dar nossa contribuição para as pesquisas e, para isso, vamos observar as poesias líricas escritas sobre Gíges no intuito de verificar a sua relevância dentro da tradição poética. A poesia lírica grega é uma designação comum para vários tipos diferentes de poesias e tem por característica a expressão dos sentimentos, das ideias, das esperanças e dos medos de seus poetas. Algumas, no entanto, têm origem em uma narrativa mítica em alusão aos velhos mitos contados pela tradição (WEST, 1993, p. viii). É nessa tradição que parece estar inserida a história de Gíges e sua ascensão ao poder, já que foi a lírica grega o lugar em que os primeiros relatos sobre ele apareceram.

---

<sup>6</sup> *República*, 359c-360b.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

### III. Gíges entre os líricos

O que queremos ressaltar através da poesia lírica é sua importância para retratar a figura de Gíges entre os antigos. Primeiramente, porque foram os poetas líricos que viveram mais próximos do período em que viveu Gíges e, depois, porque há um tipo de relação entre a lírica e o oriente que se faz fundamental para se captar o espírito da época em que Gíges governou. Apesar da grande capacidade dos antigos gregos de preservar a poesia oralmente, é provável que contemporâneas cópias escritas dos poemas líricos já existissem<sup>7</sup>. O grande problema é que muitos dos trabalhos líricos que nos chegaram são apenas fragmentos de obras que em seu todo estão perdidas. Isso faz com que qualquer detalhe, por menor que seja, possa ser relevante para o entendimento histórico dos séculos VII e VI a.C. Várias guerras, crises políticas e revoluções estão nos fragmentos líricos e estes, além da relevância poética, são extremamente importantes para os historiadores (WEST, 1993, p. ix-x). A maneira como se editaram os poemas não reflete os princípios originais da composição artística, mas os princípios posteriores da classificação alexandrina. Uma interpretação do “eu” dentro da poesia lírica talvez seja muitas vezes dificultada pela falta de contexto e pela natureza fragmentária do que sobrou. O “eu” na lírica poderia ser um simples representante das visões mantidas pela audiência, ou uma declaração altamente pessoal à qual se opõem alguns membros da audiência, ou ainda uma peça/ato ficcional (GERBER, 1997, p. 7-8).

Reuniremos, em nosso trabalho, os fragmentos que falam sobre Gíges e a Lídia de sua época, atentando para seus autores e para o que eles dizem, assim como também pretendemos demonstrar em que contexto tal tradição está inserida e de que maneira se perpetuou por meio da poesia lírica em uma linguagem popular. Dessa forma, pretendemos reforçar a importância de Gíges dentro de uma tradição poética que o retratou e o definiu como o tirano da Lídia.

A primeira fonte que temos é Arquíloco de Paros que assim nos fala sobre Gíges:

οὐ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει,  
οὐδ' εἰλέ πώ με ζῆλος, οὐδ' ἀγαιομαι  
θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἔρέω τυραννίδος·  
ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν.

<sup>7</sup> Cf. GERBER, 1997, p. 3-4 e EASTERLING; KNOX, 2003, p. 128.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

Não me preocupam as coisas de Gíges, rico em ouro,  
Nem ainda me persegue a cobiça, nem invejo  
As obras dos deuses, ou amor pela grande tirania;  
Isto longe está dos meus olhos.<sup>8</sup>

Arquíloco, que viveu entre 680-640 a.C.<sup>9</sup>, representa a irrupção da poesia iâmbica da época, desligada da antiga tradição épica e aristocrática. Foi contemporâneo de Gíges, que teria reinado entre 682-644 a.C.<sup>10</sup>, e compôs uma obra vasta da qual nos chegaram apenas fragmentos. O fr. 19W, além de ser o primeiro a tratar de Gíges, parece também ter sido o primeiro a utilizar no grego o termo “tirania”. Segundo Ure, a palavra tirania não é grega, mas pode ser de origem oriental, mais propriamente lídia (URE, 1922, p. 134)<sup>11</sup>. De acordo com Adrados, a palavra designa o poder absoluto dos monarcas orientais (ADRADOS, 1990, v.1, nota 2, p. 54). Euphorion (séc. III a.C.) diz que Gíges foi o primeiro a ser chamado de tirano (MÜLLER, 1849, fr. 1, p. 72). Tal declaração pode ser apenas uma inferência de Hippias de Elis (séc. V a.C.), que disse não ter Homero usado a palavra τύραννος, mas seu uso somente aparece com Arquíloco (MÜLLER, 1848, fr. 7, p. 62). Heródoto diz em suas *Histórias* que Arquíloco contou a história de Gíges, sendo também ele contemporâneo deste<sup>12</sup>. Tudo isso caracteriza o poema de Arquíloco como apresentando a mais próxima relação entre Gíges e a tirania que podemos ter.

O fr. 19W indica o poder de Gíges, de suas riquezas e posses, que faz dele o senhor da Lídia e tirano da Ásia. Ele reinou em Sardis e suas terras iam do meio ao alto do vale do Hermo, mas o reino se estendia para o Norte e o Sul, nos quais o lídio era falado (BOARDMAN, 1991, p. 643). Apesar de o poema estar na primeira pessoa, sa-

---

<sup>8</sup> Fr. 19W(est). [tradução é nossa]. Para os demais editores do texto de Arquíloco, a numeração desse fragmento seria: 102A(drados), 22D(iels), 15L(assere), 25B(ergk) e 19G(erber). Não mantemos em nossa tradução dos fragmentos a métrica original.

<sup>9</sup> Para a data aproximada de Arquíloco, baseamo-nos em: JACOBY, 1941.

<sup>10</sup> A data comumente aceita pelos estudiosos é de 687-652 a.C., principalmente depois dos estudos de GELZER, 1875. No entanto, concordamos com os estudos de SPALINGER, 1978. Spalinger, em seu texto, aponta para o fato de que a morte de Gíges só é indicada no Prisma A dos anais de Assurbanipal. Tal Prisma data de 643/2 a.C., o que faz Spalinger calcular a morte de Gíges por volta de 644 a.C. Para calcular a data inicial do reinado de Gíges, baseamo-nos na duração dita por Heródoto do reinado de Gíges, 38 anos.

<sup>11</sup> Ver também ANDREWES, 1957, p. 21-22. Para uma etimologia das palavras “tirania” e “tirano”, ver: HEGYI, 1965; PARKER, 1998.

<sup>12</sup> Cf. *Histórias*, I.12.2,7-8. A passagem indicada [τοῦ καὶ Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος, κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος, ἐν ἰάμβῳ τριμέτρῳ ἐπεμνήσθη] é tomada por alguns editores como um acréscimo posterior feito em forma de nota marginal.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

bemos que Arquíloco não se coloca como falante, mas atribui o dito ao personagem Cáron, conforme nos informa Aristóteles:

καὶ τὸν Χάρωνα τὸν τέκτονα ἐν τῷ ἰάμβῳ οὗ ἀρχή  
οὐ μοι τὰ Γύγεω

e Cáron, o carpinteiro em iambo que assim começa:  
“não a mim as coisas de Gíges”. (Arte Retórica, 1418b30-31)<sup>13</sup>

O uso de uma personagem para dizer algo sobre outro é um método original da crítica de Arquíloco (Cf. GENTILI, 1982, p. 14-15). Segundo West argumenta, há um particular tipo de poesia, que os antigos chamam de iambo, para usar personagens imaginários e situações (WEST, 1974, p. 22-39). Jaeger fala que tais versos tratam de uma justa “escolha de vida”<sup>14</sup>, e Snell diz que:

costuma louvar-se quem tem aquilo que Gíges possui: é rico em ouro, portanto, ὄλβιος; os deuses encheram-no de dádivas, é εὐδαίμων; a posse do poder faz que ele apareça semelhante aos deuses, ισόθεος; tudo isso mereceria um macarismo, uma canção glorificatória. (SNELL, 1992, p. 87-88)

Pelos comentários dos autores, Arquíloco apresenta-nos uma crítica à riqueza exacerbada, ao desejo sem limites, à comparação do homem aos deuses e à tirania, poder soberano da Lídia. Arquíloco tem uma poética combativa que o faz transportar para os seus personagens a sua reprimenda de maneira bastante elaborada. Segundo Corrêa:

A maioria das referências tardias a Arquíloco tende a ressaltar um aspecto de sua obra: a sátira ferina da invectiva pessoal. É possível, porém, que esse enfoque não resulte apenas em um modismo ou gosto de época, mas deva-se à forma de transmissão da obra e sua classificação no período alexandrino. (1998, p. 25)

---

<sup>13</sup> Utilizamos para o grego a edição de W. D. Ross, *Aristotelis Ars Rhetorica* (Oxford: Clarendon Press, 1959). A tradução é nossa. Há um comentário anônimo à passagem que se refere ao engaste do Anel de Gíges, in: *Anonymi in Artem Rhetoricam Commentarium* (Edição de Rabe, 1896, p. 256). Tradução nossa. ὁ Γύγης πλούσιος ἦν· διὰ γὰρ τῆς σφενδόνης πολλὰ συνδῆξε χρήματα.  
*Gíges era rico: pois por meio do engaste [do anel] acumulou muita riqueza.*

<sup>14</sup> JAEGER, 2003, p. 160; “Em versos famosos, fala-nos de uma justa ‘escolha de vida’, em que se renuncia às riquezas de Gíges, em que não ultrapassem pelo desejo as fronteiras entre o Homem e Deus e não se estenda a mão à força do tirano. Tudo isso se encontra longe da minha vista”.



Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

Apesar disso, Arquíloco parece fazer um bom relato sobre a tirania de sua época, conforme podemos ver no fr. 23W, em que Arquíloco mantém o foco sobre a tirania:

πό]λιν δὲ ταύτη[ν...].[...ἔ]πιστρέ[φει]α[  
οὔ]τοι ποτ' ἄνδρες ἐξε[πόρθη]σαν, σὺ δ[ὲ  
ν]ῦν εἶλες αἰχμηῆι κα[ὶ μέγ' ἐ]ξήρ(ω) κ[λ]έος.  
κείνης ἄνασσε καὶ τυραν]νίην ἔχε·  
π[ο]λλ[λοῖ]σ[ί θ]η[ ζ]ηλωτὸς ἀ[νθρ]ώπων ἔσειαι.

A cidade em que você está andando  
nunca foi saqueada por homem algum, mas agora  
sua lança conquistou isso; é tua a glória.  
Governe-a e mantenha a tirania;  
muitos irão invejar-te. (Fr. 23W, v. 17-21)

Podemos ver certas semelhanças entre os fragmentos 19W e 23W. Além de tratarem da tirania, também falam da inveja [ζηλωτὸς] dos *polloi* sobre a tirania. É como se Arquíloco estivesse retratando a visão da maioria sobre a tirania, entendendo nesta o controle total da *pólis* e seu poderio sobre todos. Segundo Clay, o fr. 23W seria um diálogo entre Gíges e a rainha, pois a temática da tirania em sua época perpassaria principalmente a usurpação do trono lídio por Gíges (CLAY, 1986, p. 11 et seq.). Se concordarmos com a hipótese de Clay, poderíamos ver no fr. 23W um forte indício da constituição da tragédia em questão, tendo Arquíloco como sua principal fonte. Por outro lado, Adrados nos chama atenção para outro fragmento, que assim diz:

ὁ δ' Ἀσίας καρτερὸς μηλοτρόφου

Senhor da Ásia, pastora de ovelhas (Fr. 227W)<sup>15</sup>

Parece que nesse fragmento Arquíloco ressalta o poderio de Gíges por toda a Ásia, dando mostras de como ele influenciava uma grande área com sua força tirânica. Garner (1990, p. 22) chama-nos a atenção para a expressão 'Ἀσίδος μηλοτρόφου' do verso 763 dos *Persas* de Ésquilo como um empréstimo do fr. 227W de Arquíloco. É interessante notarmos que o verso não fala de ninguém especificamente, como podemos notar com a leitura da passagem por inteiro colocada a seguir:

τοιγάρ σφιν ἔργον ἐστὶν ἐξειργασμένον  
μέγιστον, ἀείμνηστον, οἷον οὐδέπω

<sup>15</sup> A tradução é nossa. Ressaltamos que Adrados coloca esse fragmento seguido do 19W, assim como Diels, Lassere e Bergk sendo estes, respectivamente, 103A, 23D, 16L e 26B.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

τόδ' ἄστυ Σούσων ἐξεκείνωσ' ἐμπεσόν,  
ἐξ οὔτε τιμὴν Ζεὺς ἄναξ τήνδ' ὤπασεν,  
ἐν' ἄνδρ' ἀπάσης Ἀσίδος μηλοτρόφου  
ταγεῖν, ἔχοντα σκίπτρον ἰθυντήριον.

Foram, portanto, esses os causadores deste desastre tão grande, inesquecível, que, ao abater-se sobre esta cidade de Susa, a esvaziou como nunca acontecera no passado, desde o tempo em que o senhor Zeus concedeu a um só homem o privilégio de governar toda a Ásia, pastora de ovelhas, ao pôr-lhe na mão o cetro do comando. (Persas, v. 759-764)<sup>16</sup>

Ésquilo possivelmente utiliza-se do dito de Arquíloco para exemplificar o poder dos reis da Ásia, no caso, os Persas<sup>17</sup>. No entanto devemos atentar para o fato de que na época de Arquíloco os maiores governantes da Ásia não se encontravam na Pérsia e, com base no fr. 19W, podemos destacar a Lídia como o mais poderoso governo de sua época.

A extensão do poder de Gíges sobre a Ásia intensificou os conflitos existentes na região da Anatólia, o que determinou o acontecimento de guerras promovidas por Gíges. No fr. 20W, Arquíloco dá-nos mostras de alguns desses conflitos:

κλαίω τὰ Θασίων, οὐ τὰ Μαγνήτων κακά.

lamento os males dos Thasios, não os dos Magnésios.

De acordo com Estrabão (14.1.40)<sup>18</sup>, Arquíloco, ao falar dos males dos Magnésios (Μαγνήτων κακά), referia-se à invasão dos cimérios, que se deu na época do reinado de Gíges e que devastou a região, posteriormente vindo a invadir e a tomar a própria Sardis, principal cidade da Lídia (BOARDMAN, 1991, p. 644-645). Dessa invasão também nos fala Calino, que também viveu no século VII a.C.:

νῦν δ' ἐπὶ Κιμμερίων στρατὸς ἔρχεται ὄβριμοεργῶν  
já se aproxima o exército dos terríveis Cimérios. (Fr. 5(a)W)

Τρήρεας ἄνδρας ἄγων.  
Levando consigo os Tteres. (Fr. 4W)<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Utilizamos a edição de SOMMERSTEIN, 2009. Nossa tradução é baseada na de PULQUÉRIO, 1998.

<sup>17</sup> Para uma visão do Persa Ciro como um rei-pastor, ver LIMA, 2007.

<sup>18</sup> Utilizamos a edição de JONES, 1924.

<sup>19</sup> A nossa tradução é baseada na de Adrados. Segundo Adrados, 1990, v. 1, nota 1, p. 109, os tteres eram um “povo cimério segundo Estrabão e trácio para Estebão de Bizâncio. Os cimérios eram um povo indoeuropeu e com eles viriam os tteres, sejam da mesma raça ou não”.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

Os cimérios procediam da Crimeia e por meio do Cáucaso penetraram na Ásia Menor no séc. VII a.C., invadindo duas vezes a Lídia, sendo a segunda vez fatal para Gíges, após a sua derrota para o chefe cimério Ligdamis (BOARDMAN, 1991, p. 645). Sob o reinado de Aliattes teriam sido expulsos (ADRADOS, 1990, v. 1, p. 107). No entanto, de acordo com Corrêa,

Outra hipótese é que os “males magnésios” representassem a sujeição da cidade da jônia à Lídia. [...] esse foi o destino comum à maior parte das cidades gregas da Ásia: não havia, portanto, motivo para que se tornasse proverbial. Ao contrário, o total desaparecimento de uma cidade, permitindo que inimigos antigos ocupassem seu território, seria um fato memorável. (1998, p. 185)

Seja qual for a hipótese adotada sobre o fr. 20W, podemos observar que havia naquela época um poderio Lídio sobre a região da Anatólia, expandido seu domínio, inclusive, sobre território grego. Arquíloco, dessa forma, está a relatar um acontecimento vivo de sua própria época.

Outros poetas líricos anteriores a Heródoto comprovam a historicidade de Gíges, sendo eles Alcman (*fl.* 652 a.C.), Mimnermo (*fl.* 632 a.C.), Hipponax (*fl.* 540 a.C.) e Anacreonte (*fl.* 545 a.C.). O testemunho de Alcman nos é dado por Alexandre da Aetolia, que assim diz:

Σάρδιες ἀρχαῖαι, πατέρων νομός, εἰ μὲν ὑμῖν  
ἐτρεφόμαν, κέρνας ἦν τις ἄν ἢ βακέλας<sup>20</sup>  
χρυσοφόρος, ῥήσων καλὰ τὸ μπανα· νῦν δέ μοι Ἄλκμαν  
οὔνομα, καὶ Σπάρτας εἰμὶ πολυτρίποδος,  
καὶ Μούσας ἐδάην Ἑλικωνίδας, αἶ με τυράνων  
θῆκαν Κανδαύλεω<sup>21</sup> μείζονα καὶ Γύγεω.

Antiga Sardis, casa de meus pais, se tivesse sido lá  
Criado, seria um sacerdote eunuco,  
Vestindo ornamentos de ouro, tocando belos tambores; mas me  
Chamo Alcman, e sou de Esparta de muitos trípodas,  
E aprendi as Musas Heliconidas, que me colocaram  
Acima dos tiranos Candaules e Gíges.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Segundo Liddell; Scott (1883, p. 272), βακέλας é um sacerdote eunuco a serviço da deusa Cybele.

<sup>21</sup> Bentley: Δασκύλεω corrector, Plut.: Δυσ- cod.

<sup>22</sup> *Greek Anthology*, VII.709.1-6. A tradução é nossa.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

É interessante notarmos que Mimnermo compôs versos elegíacos da batalha entre a *pólis* de Esmirna contra Gíges e os Lídios<sup>23</sup>, e parece ter escrito uma *Esmirneida*, mas dela só nos restaram pouquíssimos fragmentos:

ἐπίετε Πύλον Νηλήιον ἄστυ λιπόντες  
ἱμερτήν Ἀσίην νηυσὶν ἀφικόμεθα,  
ἐς δ' ἐρατὴν Κολοφῶνα Βίην ὑπέροπλον ἔχοντες  
ἐζόμεθ' ἀργαλέης ὕβριος ἡγεμόνες·  
κεῖθεν δ' ἀλσήεντος ἀπορνύμενοι ποταμοῖο  
θεῶν βουλῇ Σμύρνην εἴλομεν Αἰολίδα.

depois, abandonando a íngreme Pilos, cidade de Neleu,  
chegamos com nossas naus à bela Ásia,  
e nos estabelecemos na charmosa Colofon com um grande exército,  
empreendendo os primeiros caminhos da cruel guerra;  
desde então, afastamo-nos de seu rio, que corre entre os bosques,  
tomamos Esmirna, a cidade Eólia, por desígnio dos deuses. (Fr. 12A)<sup>24</sup>

ὡς οἱ πὰρ βασιλῆος, ἐπε[ί ρ'] ἐ[ν]εδέξατο μῦθο[ν]  
ἦ[ιξ]αν κοίλη[σ'] ἀ[σπί]σι φραζάμενοι.

Assim eles partiram do lado do rei<sup>25</sup>, uma vez que escutaram suas palavras, cobrindo-se com seus côncavos escudos. (Fr. 12(a)A)

Οὐ μὲν δὴ κείνου γε μένος καὶ ἀγήνορα θυμόν  
τοῖον ἐμεῦ προτέρων πεύθομαι, οἷ μιν ἴδον  
Λυδῶν ἵππομάχων πυκινὰς κλονέοντα φάλαγγας  
Ἑρμιον ἄν πεδίον, φῶτα φερεμμελίην·  
τοῦ μὲν ἄρ' οὐποτε πάμπαν ἐμέμψαντο Παλλὰς Ἀθήνη  
δριμὺ μένος κραδίης, εὐθ' ὃ γ' ἀνὰ προμάχους  
σεύαιθ' αἱματόεντος ἐν ὑσμίνῃ πολέμοιο  
πικρὰ βιαζόμενος δυσμενέων βέλεα·  
οὐ γάρ τις κείνου δηῖον ἔτ' ἀμεινότερος φώς  
ἔσκεν ἐποίχεσθαι φυλόπιδος κρατερῆς  
ἔργον, ὅτ' ἀυγαῖσιν φέρετ' ὠκέος ἠελίοιο.

Não falaram assim de seu valor e seu nobre ardor os mais velhos  
que eu, que vieram semeando a desordem nos firmes  
esquadrões da cavalaria lídia nas planícies do  
Hermo, empunhando a lança;  
jamais Palas Atena tinha censura para o heroísmo  
de seu coração quando  
na batalha sangrenta se lançava adiante na vanguarda,  
desafiando os agudos dardos do inimigo.  
Pois nenhum dos contrários era melhor para cumprir

<sup>23</sup> Cf. fr. 13W.

<sup>24</sup> Utilizamos aqui os fragmentos da *Esmirneida* reunidos por Adrados, pois consideramos que, nesse caso, sua edição dos fragmentos encontra-se mais completa. A nossa tradução é baseada na de Adrados.

<sup>25</sup> Segundo Adrados, 1990, v. 1, nota 3, p. 223, o rei aqui é, provavelmente, Gíges.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

a obra da batalha quando ainda  
vivesse sob os raios do rápido sol. (Fr. 13A)

Παίονας ἄνδρας ἄγων, ἵνα τε κλειτὸν γένος ἵππων.

Trazendo homens da Peônia<sup>26</sup>, onde há uma famosa raça de cavalos.  
(Fr. 14A)

Os fragmentos de Hipponax de Éfeso ilustram o ambiente das cidades gregas da Ásia Menor no séc. VI a.C. (ADRADOS, v. 2, p. 13). Hipponax, assim, acaba por formular a relação dos gregos de sua época com o oriente, firmada principalmente pelo poderio lídio na região em que ele vivia. Em um de seus fragmentos, Hipponax indica o túmulo de Gíges:

Πᾶσαν, τέαρ', ὄδευε τὴν ἐπὶ Σμύρνης·  
ἴθι διὰ Λυδῶν παρὰ τὸν Ἀττάλειον τύμβον  
καὶ σῆμα Γύγεω καὶ Μεγάστρου στήλην  
καὶ μνήμα τ' Ὀτυος, Ἀτάλυδα πάλμυδος,  
πρὸς ἥλιον δύνοντα γαστέρα τρέψας.

Recorre, oh bandido, todo o caminho que leva à Esmirna;  
marcha através da Lídia passando junto da tumba de Atales,  
o sepulcro de Gíges, a estela de Megastris  
e o monumento funerário de Átis, o rei da Atálida,  
movendo teu ventre para o sol poente. (Fr. 42W)

A imagem em versos do sepulcro de Gíges indica sua relevância mesmo após a morte. Tirano entre os lídios, ele se fortaleceu através da conquista das terras alheias. Também podemos encontrar um poema referente a Anacreonte, que muito se parece com o que Arquíloco escreveu a respeito de Gíges:

οὐ μοι μέλει τὰ Γύγεω,  
τοῦ Σαρδίων ἄνακτος·  
οὐδ' εἰλέ πώ με ζῆλος  
οὐδὲ φθονῶ τυράννοις.

Não me preocupam as coisas de Gíges,  
Senhor de Sardis,  
Nem me persegue a cobiça,  
Nem invejo aos tiranos. (Fr. 8W)<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Segundo Adrados (1990, v. 1, nota 2, p. 224): “Os peônios eram um povo da Macedônia; seguramente acompanharam os treres e os cimérios em suas andanças pela Ásia no séc. VII a.C. Se esses versos pertencem à Esmirneida, não sabemos em que contexto entraria: se falaria da derrota e morte de Gíges pelos Cimérios?”.

<sup>27</sup> Utilizamos para este a edição de Martin West, *Anacreonte*. A tradução é nossa.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

No volume *Greek Anthology*, encontramos um poema semelhante atribuído a Anacreonte, mudando em sua estrutura as linhas 3 e 4, apesar de manter dentro do fragmento a coerência quanto à riqueza e à tirania:

οὔ μοι μέλει τὰ Γύγεω,  
τοῦ Σαρδίων ἄνακτος,  
οὔθ' αἰρέει με χρυσός,  
οὐκ αἰνέω τυράννους.

Não me preocupam as coisas de Gíges,  
Senhor de Sardis,  
Nem me captura o ouro,  
Nem louvo os tiranos.<sup>28</sup>

Ressaltamos que o que aqui se diz de Anacreonte foi produzido posteriormente à morte do poeta no período helenístico e atribuído ao poeta de forma pseudepigráfica. Esse material se encontra reunido na obra conhecida como *Anacreontea*. Mesmo assim, a existência dos poemas já indica a relevância sobre a temática de Gíges no período.

Segundo entendemos, é essa tradição que permitiu o desenvolvimento da narrativa sobre Gíges e sua posterior repercussão. Sendo popular por princípio, pode ter acarretado na construção de tragédias, como bem demonstra o fragmento encontrado, e, uma vez apropriado por Heródoto, este último tornou-se parte importante de sua propagação entre os antigos. Dessa forma, poderíamos destacar que há fortes indícios para supor uma influência da lírica arcaica na construção de uma tragédia sobre Gíges.

#### IV. Da Lírica à Tragédia

O recorte desenvolvido até aqui em nosso trabalho tem por objetivo comprovar a relevância de Gíges para a poesia lírica. De fato, podemos verificar o renome de Gíges como sendo o tirano da Lídia e possuidor de muito poder em sua época. O fato de Heródoto ter feito uma coleta de mitos e narrativas orientais para escrever as suas *Histórias* não exclui o fato de que ele possa ter acessado algumas de suas fontes por meio de tragédias apresentadas na sua época. Para a narrativa de Gíges, ou ele teve acesso a fontes orientais diretas, ou ele teve acesso a fontes indiretas como uma encenação trágica dentro da *pólis*. Se houve, de fato, uma tragédia encenada no séc. V a.C., essa tragédia só

---

<sup>28</sup> *Greek Anthology*, XI.47.1-4. A tradução é nossa.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Giges*

pode ter sido influenciada por essa fonte poética anterior escrita pelos poetas líricos. Arquíloco, pelo seu renome, é um dos mais prováveis influenciadores da posterior tradição trágica a ser desenvolvida no séc. V a.C. Benjamin, ao falar de Heródoto, nos traz um depoimento interessante:

Essa história nos ensina o que é a *verdadeira narrativa*. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, 204. Grifos nossos.)

Isso quer dizer que a narrativa sempre se renova, o que é uma característica essencial das *Histórias* de Heródoto: em sua obra sempre é possível o desenvolvimento de uma nova via interpretativa. No caso específico da narrativa sobre Giges, podemos entender que é muito provável que Heródoto estivesse de olhos nos velhos relatos sobre Giges vindos da lírica, relatos abertos e sempre possíveis de serem reinterpretados. A descoberta da existência de uma tragédia que narra as peripécias de Giges da Lídia não é um achado de pouca monta. Mesmo que a datação seja posterior a Heródoto, ainda podemos ver a relevância dessa narrativa entre os gregos. O que significa que Giges teve um renome para além da tradição lírica, atingindo o período trágico. Entretanto, gostaríamos de ressaltar em nossas considerações que Page foi persuasivo em sua leitura da tragédia e ela é provavelmente anterior a Heródoto. Para chegarmos a essa conclusão, baseamo-nos em uma palavra utilizada na tragédia: θεμιστεύοντα. O verbo θεμιστεύω, como indicou Page (1951, nota 14, p. 41), é bastante raro na tragédia em geral. No entanto, se nos basearmos apenas na tragédia do período helenístico, ele se torna inexistente. Se somarmos a isso o que é dito por Romilly com relação ao crescimento do uso da palavra *nómos* e o desuso da palavra *thesmós* no séc. V a.C. (Cf. ROMILLY, 2002, p. 14-17), podemos justificar a improbabilidade de encontrarmos uma palavra para lei/legislar relativa à *thémis* no período helenístico. A palavra *thesmós* não é usada de maneira alguma na tragédia helenística, enquanto entre os trágicos do período clássico a palavra aparece seis vezes em Ésquilo<sup>29</sup>, duas vezes em Sófocles<sup>30</sup>,

<sup>29</sup> *Suplicantes*, v. 1034; *Agamemnon*, v. 304; *Eumênides*, v. 391, 484, 615, 681.

<sup>30</sup> *Ajax*, v. 1104; *Fragmenta*, fr. 212, v. 5.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

uma vez em Eurípides<sup>31</sup> e uma vez em Aristarco<sup>32</sup>, o que fortalece a improbabilidade de  $\theta\epsilon\mu\iota\sigma\tau\epsilon\acute{\upsilon}\sigma\omicron\nu\tau\alpha$  ser um verbo utilizado em uma tragédia helenística. Entendido esse ponto, acreditamos ter uma boa justificativa para corroborar a tese de que o fragmento da tragédia de Gíges é anterior à escrita das *Histórias* de Heródoto.

## V. Conclusão

Nosso artigo trouxe para a discussão o fragmento trágico de Gíges encontrado em Oxirrínco. Esse fragmento levanta a questão do período em que provavelmente foi escrita e sua importância dentro do ciclo trágico da Grécia Antiga. Ressaltamos em nosso trabalho que, independentemente da datação, a tragédia em questão tem um papel importante dentro das narrativas sobre Gíges, além de contar-nos algo até então desconhecido.

Além do caráter filológico essencial para se verificar a datação da tragédia, acreditamos ter demonstrado contundentemente a relação entre as narrativas que nos restaram sobre Gíges e a poesia lírica grega, de modo que uma possível tragédia sobre Gíges não poderia ter sido construída sem esse arcabouço lírico que recolhemos através dos fragmentos dos poetas da época. Os fragmentos líricos nos trazem importantes relatos sobre o período em que Gíges governou, o que é um dado relevante para qualquer um que tivesse alguma pretensão em escrever uma narrativa (ou tragédia) sobre ele. Dessa forma, podemos concluir a relevância do fragmento trágico e datá-lo em um período anterior à escrita das *Histórias* de Heródoto, mais provavelmente na primeira metade do séc. V a.C.<sup>33</sup>

## Referências bibliográficas

Estudos sobre o drama de Gíges

DAVISON, J. A. Προάγγελος and the “Gyges” Fragment. *The Classical Review*, v. 5, n. 2, p. 129-132, 1955.

\_\_\_\_\_. The Oxyrhynchus Papyri, Part XXIII by E. Lobel. *Journal of Hellenic Studies*, v. 77, Part 2, p. 345-346, 1957.

---

<sup>31</sup> *Helena*, v. 866.

<sup>32</sup> *Fragmenta*, fr. 2, v. 2.

<sup>33</sup> Agradeço à Maria Elizabeth (καλή μου) por toda dedicação, leitura, amor e amizade. Sempre estará em meu coração.



Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

- EVANS, J. A. S. Candaules, whom the Greeks name Myrsilus. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 26, n. 3, p. 229-233, 1985.
- HUXLEY, G. Ion of Chios. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 6, n. 1, p. 29-46, 1965.
- KAMERBEEK, J. C. De novo fragmento tragico in quo de Gyge et Candaule agitur. *Mnemosyne*, v. 5, n. 2, p. 108-115, 1952.
- LESKY, A. Das Hellenistische Gyges-Drama. *Hermes*, v. 81, n. 1, p. 1-10, 1953.
- LOBEL, E. A Greek Historical Drama. *Proceedings of the British Academy*, v. 35, p. 207-217, 1949.
- \_\_\_\_\_. *The Oxyrhynchus Papyri, Part XXIII*, 1956.
- MAAS, P. A. Greek Historical Drama by E. Lobel. *Gnomon*, v. 22, n. 3/4, p. 142-143, 1950.
- PAGE, D. L. *A New Chapter in the History of Greek Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1951.
- \_\_\_\_\_. On the New Greek Historical Drama. *Classical Quarterly*, v. 44, n. 3/4, p. 125, 1950.
- RAUBITSCHKE, A. E. Gyges in Herodotus. *The Classical Weekly*, v. 48, n. 4, p. 48-50, 1955.
- SMITH, The Literary Tradition of Gyges and Candaules. *The American Journal of Philology*, v. 41, n. 1, 1920, p. 35-36.
- SNELL, B. Gyges und Kroisos als Tragödien-Figuren. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, v. 12, p. 197-205, 1973.
- TRAVIS, R. The Spectation of Gyges in P. Oxy. 2382 and Herodotus Book 1. *Classical Antiquity*, v. 19, n. 2, p. 330-359, 2000.
- ZAWADZKA, I. The Play on Gyges by Unknown Autor. *Eos, fasciculus extra ordinem editus electronicus*, p. 300-309, 2013.

#### Edições e traduções da lírica grega

- ADRADOS, F. R. *Líricos Griegos: elegiacos y yambógrafos arcaicos*. Tradução de F. R. Adrados. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990. 2 v.
- BERGK, T. *Poetae Lyrici. Poetas elegiacos et Iambographos Continens*. v. 2. 4. ed. Lipsiae: Aedibus B. G. Teubneri, 1882.
- CAMPBELL, D. A. *Greek Lyric*. With English translated by D. A. Campbell. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: W. Heinemann, 1982-1993. 5 v.
- GERBER, D. E. *Greek Iambic Poetry*. Edited and translated by D. E. Gerber. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Greek Elegiac Poetry*. Edited and translated by D. E. Gerber. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1999b.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

WEST, M. L. *Iambi et Elegi Graeci. Ante Alexandrum Cantati. (Editio Altera)*. Edidit M. L. West. Oxford: Oxford University Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *Carmina Anacreontea*. Edidit M. L. West. Stuttgartiae; Lipsiae: Teubner, 1984.

\_\_\_\_\_. *Greek Lyric Poetry*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Studies in Greek Elegy and Iambus*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1974.

#### Edições e traduções de clássicos gregos

HUDE, C. *Herodoti Historiae, Tomvs I. recognovit brevique adnotatione critica instrvxit: Carolvs Hude*. Oxford: Oxford University Press, 1927.

JONES, H. L. *Strabo Geography. Books 13-14*. Edição de H. L. Jones. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1924.

MÜLLER, C. *Fragmenta Historicum Graecorum. v. 2*. Paris: Editore Ambrosio Firmin Didot, 1848.

\_\_\_\_\_. *Fragmenta Historicum Graecorum. v. 3*. Paris: Editore Ambrosio Firmin Didot, 1849.

PATON, W. R. *The Greek Anthology. v. 2 e 4. Whith English translated by W. R. Paton*. London: William Heinemann; New York: G.P. Putnam's Sons, 1918-9.

PULQUÉRIO, M. O. *Ésquilo. Persas*. Tradução de Manuel Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1998.

RABE, H. *Anonymi et Stephani in Artem Rhetoricam Commentaria. In: Commentaria in Aristotelem Graeca, v. 21.2*. Berlin: Typis et Impensis Gerogii Reimeri, 1896.

ROSS, W. D. *Aristotelis Ars Rhetorica*. Edição de W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1959.

SOMMERSTEIN, A. H. *Aeschylus: Persians. Seven against Thebes. Suppliants. Prometheus Bound*. Edited and Translated by A. H. Sommerstein. Harvard University Press, 2009. (Loeb Classical Library)

#### Estudos diversos

ANDREWES, A. *The Greek Tyrants*. London: Hutchinson's University Library, 1957.

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Brasília: Editora Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1)

CLAY, J. S. *Archilochus and Gyges: An Interpretation of Fr. 23 West*. Quaderni Urbinati di Cultura Classica, v. 24, n. 3, p. 7-17, 1986.

CORRÊA, P. C. *Armas e Varões: A Guerra na Lírica de Arquíloco*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

GARNER, R. *From Homer to Tragedy*. London: Routledge, 1990.

Menezes, Luiz M. B. R.  
*A tragédia perdida de Gíges*

- GELZER, H. Das Zeitalter des Gyges. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 30, p. 230-268, 1875.
- GENTILI, B. Archiloco e la funzione politica della poesia del biasimo. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, v. 11, 1982, p. 14-15.
- GERBER, D. E. (Ed.) *A Companion to the Greek Lyric Poets*. Leiden; New York; Köln: Brill, 1997.
- HEGYI, D. Notes on the Origin of the Greek Tyrannis. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, v. 13, p. 303-318, 1965.
- JACOBY, F. The Date of Archilochos. *Classical Quarterly*, v. 35, n. 3, p. 97-109, 1941.
- JAEGER, W. *Paidéia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LIMA, P. B. *Progymnasia Basileias*. L'impero persiano e l'immagine pastorale nella riflessione politica antica. In: PANI, M. (a cura di). *Epigrafia e territorio. Politica e società*. Bari: Edipuglia: 2007. p. 273-289.
- PARKER, V. Τύραννος. The Semantics of a Political Concept from Archilochus to Aristotle. *Hermes*, v. 126, n. 2, p. 145-172, 1998.
- ROMILLY, J. *La Loi dans la Pensée Grecque*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- SNELL, B. *A descoberta do espírito*. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.
- SPALINGER, A. J. The Date of the Death of Gyges and its Historical Implications. *Journal of the American Oriental Society*, v. 98, n. 4, p. 400-409, 1978.
- URE, P. N. *The Origin of Tyranny*. Cambridge: Cambridge University Press, 1922.

#### Obras de Referência

- BOARDMAN, J. et al. (Ed.) *The Cambridge Ancient History*, 2. ed., v. III, part 2, 1991.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de La Langue Grecque*. Histoire de Mots, tomes I-IV. Paris: Éditions Klincksieck, 1968-80.
- EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. *The Cambridge History of Classical Literature*. I – Greek Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Greek-English Lexicon*. 2. ed. New York: Harper & Brothers, 1883.

[Recebido em dezembro de 2017; aceito em dezembro de 2017.]